



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

**As dificuldades encontradas na
educação de surdos na perspectiva
do professor.**

Autor: Lucas Thiago Pires de Souza

Orientadora: Bianca Carrijo Cordova

Planaltina - DF

Novembro 2017



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

As dificuldades encontradas na educação de surdos na perspectiva do professor.

Autor: Lucas Thiago Pires de Souza

Orientadora: Bianca Carrijo Cordova

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação do Prof(a). Bianca Carrijo Cordova.

Planaltina - DF

Novembro 2017

Dedicatória

Dedico esse trabalho primeiro para a minha família que deu todo o suporte necessário para essa caminhada.

Meus amigos que estiveram sempre presente nas minhas vitórias e dificuldades.

Aos meus professores que muito me ensinaram nessa jornada, em especial a Jéssica que fez me apaixonar pelo universo surdo e a Bianca que me deu todo apoio e suporte para realização desse trabalho.

E a todos os envolvidos de forma direta ou indireta nessa minha formação

AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR.

Lucas Thiago Pires de Souza

RESUMO

A educação de surdos é uma realidade cada vez mais presente nas salas de aula regulares, o que gera uma grande e diferenciada demanda para o trabalho realizado pelos professores. São os professores um dos principais responsáveis pelo processo de aprendizagem e nesse sentido cabe a ele buscar alternativas que possam promover tanto a aprendizagem quanto a inclusão dos sujeitos surdos. Nesse sentido, este trabalho procurou entender quais as dificuldades encontradas pelos professores que atuam em salas de aulas que possuem alunos com surdez em contexto de inclusão. Para isso realizou-se uma pesquisa de campo em uma escola na região de Planaltina-DF, na qual foram feitas observações do dia-a-dia da sala de aula e também uma entrevista semiestruturada com quatro professores, buscando entender onde se encontram as maiores dificuldades dos professores na educação do sujeito surdo. A partir dos dados gerados pode-se concluir que as dificuldades dos professores estão ligadas, em geral, a falta de conhecimento acerca da língua de sinais, a não busca de planejamento e práticas pedagógicas voltadas para o sujeito surdo e dependência de terceiros no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Inclusão, Surdez na escola, Educação de surdos.

1. INTRODUÇÃO

O professor, como mediador do conhecimento deve estar em constante atualização de seus saberes e de suas práticas para poder melhor atender as demandas exigidas pela escola e pela sociedade e, também, conseguir ajudar o aluno no desenvolvimento de suas capacidades, respeitando e adaptando suas práticas de acordo com as dificuldades de cada estudante.

Dentro de uma sala de aula, iremos encontrar diversos alunos e, cada um deles terá a sua singularidade, será um ser diferente do outro. Segundo Rego (1994) a forma como o professor compreende a origem das individualidades humanas interfere na sua prática. Entender a individualidade do ser é importante para compreender que cada aluno tem um desenvolvimento, mas especificamente que o aluno com deficiência possui um desenvolvimento diferenciado em função da sua condição psicofisiológica.

Lev Vygotsky defende que o desenvolvimento humano não é composto apenas pelo biológico ou pelo social, mas deve ser compreendido por uma perspectiva sócio-histórica. Assim, Vygotsky (1984 e 1987, *apud* Rego,1994) diz que o biológico e o social não estão desassociados, ambos possuem influência no desenvolvimento humano, de tal forma que se cria

um paradigma onde o meio se transforma pela presença do indivíduo ao mesmo tempo em que o indivíduo se transforma pelo meio em que está inserido. A criança com deficiência não tem as mesmas experiências que uma criança não-deficiente, logo o seu desenvolvimento também será diferenciado, pois terá que encontrar outro caminho para realizar tarefas do cotidiano.

Toda a nossa sociedade, incluindo a escola e a educação, foram constituídas numa perspectiva de desenvolvimento de indivíduos sem deficiência. Um olhar mais tradicional acerca do desenvolvimento humano irá tratar a deficiência como dificuldade, limite para o indivíduo. Para substituir essa compreensão, surge o pensamento de que a deficiência possibilita a necessidade do desenvolvimento de habilidades normalmente não demandadas pelo nosso contexto sociocultural por estar tudo adaptado a uma realidade “sem muitas diferenças”, como a pessoa com deficiência destaca essas diferenças, o contexto social traz barreiras e dificuldades e, por esse motivo a estimula a procurar outros caminhos para seu desenvolvimento (Vygotsky, 1995).

Um grupo incluído nessas demandas de caminhos de desenvolvimento e, conseqüentemente, de aprendizagem diferenciados é o de alunos com deficiência auditiva/surdez que utilizam outros mecanismos para entender e compreender o mundo. Assim também devem agir os professores, buscando caminhos alternativos que auxiliem o aluno com deficiência a se desenvolver.

Quando falamos em surdez não falamos apenas em pessoas que estão em uma situação de surdez total. Sacks (1989) nos fala de três categorias de surdez, os que tem dificuldade de ouvir, os seriamente surdos (sendo que esses dois ainda conseguem ouvir com o auxílio de aparelhos auditivos) e os totalmente surdos ou com surdez total. Mas ele ainda nos diz que mais importante do que o grau de surdez, é o momento em que o sujeito tornou-se surdo, como pode ser observado no depoimento de Wright:

Tornar-me surdo na época em que me tornei — se a surdez tinha de ser meu destino — foi uma sorte extraordinária. Aos sete anos de idade, uma criança provavelmente já compreende os fundamentos da língua, como eu compreendia. Ter aprendido naturalmente a falar foi outra vantagem — pronúncia, sintaxe, inflexão, expressões idiomáticas, tudo foi adquirido pelo ouvido. Eu possuía a base de um vocabulário que poderia ser ampliado sem dificuldade com a leitura. Tudo isso me teria sido impossível se eu tivesse nascido surdo ou perdido a audição mais cedo. (Wright *apud* Sacks, p 11,1990)

Por muito tempo os surdos não foram educados por se acreditar que eles não poderiam aprender por que não tinham o sentido da audição. Kelman (2015 p. 144) afirma que “historicamente, a educação do surdo vinculava a limitação na audição à incapacidade para aprender.” E hoje em dia ainda vemos reflexos desse pensamento ao se deparar com uma forma diferenciada de desenvolvimento. Cabe ao professor que irá trabalhar com alunos surdos buscar metodologias de ensino que favoreçam o desenvolvimento do seu aluno.

Dentro do contexto educacional atual, o professor carrega a responsabilidade de auxiliar os alunos na apropriação do saber científico, independente de qual estratégia de ensino ele opte por utilizar.

Dessa forma, podemos dizer que o professor tem como tarefa fundamental auxiliar a todos os alunos no seu desenvolvimento, bem como instigar a curiosidade. Alves (1933, p. 35,) exemplifica muito bem quando relaciona o papel do professor ao de uma cozinheira em seu livro “Ao professor, com o meu carinho” onde ele diz que “A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome...” Devemos provocar a curiosidade dos alunos para tornar a aprendizagem mais significativa e, dessa forma, deixar que eles busquem o conhecimento, não como obrigação, mas como diversão.

O professor em contexto de educação inclusiva deve buscar alternativas que provoquem a curiosidade em todos os alunos, mas para alcançar todos os estudantes é necessário que ele pare de ver a deficiência como um impedimento para o desenvolvimento, mas sim como porta para as potencialidades a serem desenvolvidas. Segundo Toledo e Martins (2009, p. 3) “O professor deverá estar atento para não se prender às aparentes limitações do aluno, e compreender que as limitações podem estar na sua compreensão sobre a deficiência.”

Espera-se então que o professor seja capaz de perceber essas potencialidades nos alunos e que a partir de então possa oferecer as ferramentas para a construção de novos saberes (TOLEDO e MARTINS, 2009). Sendo assim, a formação do professor, bem como o seu entendimento sobre deficiência irá afetar a forma como o professor irá lidar com o aluno dentro da sala de aula.

Mas a responsabilidade de auxiliar o aluno com deficiência não pode ser apenas do professor e sim um trabalho em conjunto entre professor, pais e escola, pois, ainda segundo Toledo e Martins (2009), tanto a escola quanto a família devem proporcionar segurança e

condições para o desenvolvimento destes alunos. A inserção de políticas pedagógicas na escola se torna essencial para melhor auxiliar os alunos com deficiência, e o professor deve ter papel ativo na construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Por isso, o presente trabalho objetivou compreender as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores do ensino fundamental II que atuam em contexto de inclusão de sujeitos surdos, buscando identificar como trabalham esses professores junto aos alunos surdos, entendendo as dificuldades vividas e relatadas pelos professores.

2. METODOLOGIA

Como nos utilizamos das perspectivas dos professores para a realização desta pesquisa, acreditamos que uma investigação qualitativa é a mais adequada, uma vez que “a pesquisa qualitativa é de particular relevância para o estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas da vida. ” (FLICK, 2009, p.20), onde essa pluralização ocorre por conta da diminuição das desigualdades sociais.

Ainda segundo Flick, na pesquisa qualitativa, a situação/problema que vai ser estudada é que determina qual método será adotado, não tendo apenas um modo correto de operar, uma vez que se analisa a subjetividade, por esse motivo escolhemos a entrevista semiestruturada e a observação como métodos de pesquisa.

Primeiro construímos um roteiro semiestruturado (apêndice 1) afim de que pudéssemos compreender melhor o que o grupo de professores entrevistados entende das demandas educacionais dos seus alunos surdos e como atuam sobre essas demandas. Após, fomos até uma escola pública onde há inclusão de alunos surdos, na região de Planaltina-DF.

Foi explicado a todos os professores como funcionaria a pesquisa e todos os passos de desenvolvimento. Após, foi questionado quais professores aceitariam participar da pesquisa, obtendo um total de 4 professores. Então passamos para a fase de observação, que teve duração de duas semanas, do cotidiano da sala de aula desses professores, nas turmas com alunos surdos, a fim de identificar como agem diante destes alunos inseridos em sua sala de aula.

Após as observações, foram realizadas as entrevistas com os professores, um de cada vez. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio com a autorização dos professores, depois foi realizada a transcrição de todas as entrevistas afim de facilitar o processo de análise das repostas obtidas.

3. RESULTADOS E DISCURSÕES

Para fins de melhor entendimento e para manter o sigilo dos nomes dos professores participantes da pesquisa, utilizamos ao longo do texto nomes fictícios. Para isso optou-se por se utilizar dos nomes dos professores existentes na saga *Harry Potter* da autora J.K Rowling. Assim os quatro professores foram denominados de Binns, Hooch, Vector e Firenze.

Professor Binns é formado em História e possui pós-graduação em Formação Social e Econômica do Brasil. Já atua em sala de aula há 21 anos e há sete anos trabalha com alunos surdos em contexto de inclusão. A professora Hooch possui formação na área de Educação Física. Atua em sala de aula há sete anos e trabalha com o sujeito surdo em contexto de inclusão há dois anos. O professor Vector é formado na área de Matemática. Atua em sala de aula há oito anos e há três anos trabalha com alunos com surdez em contexto de inclusão. Por fim, o professor Firenze é formado em Geografia com pós-graduação em Ciências Humanas. Atua em sala de aula há 33 anos e diz trabalhar com o sujeito surdo há 18 anos.

Ao realizar as análises foi possível observar alguns padrões de comportamento por parte dos professores que demonstram algumas das dificuldades enfrentadas por eles nesse processo de ensino do aluno com surdez. Pude perceber que os professores em questão possuem dificuldades em se atentar a pequenas atitudes em sala de aula, como se posicionar de forma que o aluno possa vê-lo, ficando muitas vezes de lado ou de costas para eles.

Dos quatro professores entrevistados, apenas o professor Binns alega ter feito um curso de Libras 1 em sua formação continuada, mas ao ser questionado se seria capaz de se comunicar com um aluno surdo se fosse preciso, foi dada a seguinte resposta:

Muito pouco, muito pouco por que eu fiz libras 1, eu sei muito pouco. Mas eu gesticulo demais e me confundo. (Binns)

Sendo assim, mesmo tendo feito o curso de libras 1 durante a sua formação continuada, ainda não acredita ser capaz de se comunicar com os alunos com surdez.

Os professores afirmam que os alunos com surdez, a quem lecionam esse ano, não possuem surdez profunda o que, segundo os professores, facilita a comunicação, como podemos observar nesta fala do professor Vector:

[...] meus alunos surdos, desse ano principalmente, eles todos conseguem ouvir. [...]. Então com todos os meus alunos surdos eu consigo estabelecer uma comunicação oral. (Vector)

Mas, apesar destas afirmativas, ele demonstra se contradizer com o que diz quando afirma, por exemplo, que

[...], mas no caso deles (os alunos surdos) acaba se tornando mais difícil, por que não temos essa facilidade tão grande de se comunicar. (Vector)

O que demonstra que a comunicação com alunos surdos é uma barreira, mesmo eles não possuindo surdez profunda. Essa questão da dificuldade de comunicação também é apresentada por Lacerda:

O problema central, segundo os estudos, é o acesso à comunicação, já que são necessárias intervenções diversas (boa amplificação sonora, tradução simultânea, apoio de intérprete, entre outros), que nem sempre tornam acessíveis os conteúdos tratados em classe. (Lacerda, 2006, p. 166)

Isso ocorre também devido a confiança no intérprete educacional que acompanha os alunos com surdez na sala de aula, uma vez que se acredita que ele é responsável por esses alunos. Zampiere (2006), ao falar da presença do intérprete na sala de aula diz que ele:

[...] acaba assumindo funções docentes, dificultando aos alunos surdos estabelecerem quem é o professor da turma, ocasionando uma confusão de papéis porque em alguns momentos eles são mantidos (professor e intérprete exercendo suas funções), em outros o professor delega ou o intérprete assume por decisão própria a função do professor (Zampiere, 2006, p. 3)

Esse tipo de confusão, especialmente quando o professor acaba deixando suas funções na responsabilidade do intérprete tende a prejudicar a aprendizagem do aluno surdo, principalmente por que vai lhe faltar o apoio do professor regente que será quem (assumindo

ou não seu papel) vai avaliá-lo. Além disso, o intérprete nem sempre é formado na área em que está precisando realizar a tradução como podemos observar na fala do professor Vector:

Eu tenho uma interprete que é de uma área que não é da matemática, então ela acaba precisando de um suporte um pouco maior, então a gente tenta ter essa linha de comunicação pra tentar suprir essa dificuldade que ela tem por não ser da área.
(Vector)

Durante as observações pude perceber que os professores costumam dar suas aulas normalmente, sem apresentar nenhuma preocupação com os alunos com surdez, indo de vez em quando questionar a intérprete se há alguma dificuldade em relação ao conteúdo, deixando assim para o intérprete a função de explicar tudo. Ao serem questionados se há um espaço para planejamento junto aos intérpretes, obtivemos essas respostas:

Sim, é, tudo que eu elaboro eu mostro primeiro para os intérpretes para ver se realmente tá adequado para... para que o aluno tenha facilidade em trabalhar o conteúdo. (Firenze)

Assim, a gente tem uma facilidade de comunicação. A gente tenta definir ali algumas coisas, sobretudo sobre os exercícios (Vector)

Sim, nas coordenações, no que eu vejo assim que tem que dar alguma ênfase pra eles poderem explicar... a gente conversa. (Hooch)

Mas, o que pudemos notar é que não existe um espaço de planejamento junto ao intérprete, mas sim, um planejamento prévio onde o professor mostra ao intérprete para que ele possa adaptar ou apenas para que ele saiba o que será feito em sala de aula, como podemos observar na fala do professor Binns quando aborda sobre o momento de planejamento:

Não, não de sentar e falar assim “hoje nós vamos fazer isso, isso e isso” não. (Binns)

Apesar de existir o espaço para o planejamento, não há de fato uma conversa para planejamento de aulas o que pode atrapalhar o trabalho do intérprete, como aponta LACERDA e POLETTI:

A questão da falta de um planejamento conjunto, de um trabalho de equipe e de uma concepção mais clara do que signifique aceitar um aluno surdo em sala de aula também interferem significativamente no trabalho das intérpretes. (LACERDA e POLETTI, 2004, p. 15)

Com exceção da professora Hooch que nos respondeu com um “Não” ao ser questionada sobre o uso de metodologias diferenciadas em suas aulas, todos os outros professores afirmaram procurar usar metodologia diferenciada em suas aulas.

O professor Firenze diz se utilizar de vídeos em suas aulas como ferramenta didática para alunos surdos, porém, durante o período em que se pode observar as aulas, não houve a oportunidade de vê-lo utilizar esse recurso. Contudo ele afirma que faz uso do mesmo e para que o aluno surdo tenha acesso à informação do vídeo ele conta com o intérprete, como podemos observar em sua fala:

[...] enquanto o vídeo tá passando a professora tá traduzindo pro aluno. (Firenze)

Vemos que não é um recurso didático muito efetivo para alunos com surdez, uma vez que o sujeito com surdez se utiliza do visual para compreender o que está acontecendo e ele teria que observar, não só o vídeo, mas também acompanhar a explicação do intérprete, tendo que dividir sua atenção entre os dois.

O professor Vector diz que:

Eu diria que esse ano eu não tenho nada muito específico, não adoto nada muito específico (Vector)

ao ser questionado sobre suas metodologias, com a justificativa de que os alunos não possuem surdez total, dessa forma então não haveria, segundo o mesmo, a necessidade de alterar algo em seu aspecto metodológico. Então foi questionado se em outros anos, quando possuía alunos com surdez total, ele se utilizou de metodologias diferenciadas a sua resposta foi que

[...] em anos anteriores eu tive alunos que eram surdos mesmo e não se comunicavam oralmente e assim, nunca tive nada muito específico não. (Vector)

Contudo, é necessário pensar essa metodologia para avaliar se de fato ela está de acordo com o que é necessário para os alunos surdos. Lacerda e Polletti (2004) nos dizem que:

Se a escola não atentar para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser bastante inacessíveis ao aluno surdo, apesar da presença do intérprete (p. 15)

Então, apenas ter intérpretes nas salas de aulas não é suficiente para tornar mais acessível o conhecimento para os alunos com surdez, é necessário que os professores passem a pensar em estratégias de ensino capazes de auxiliar os alunos com surdez na apropriação do saber.

Em relação ao apoio escolar, todos os professores afirmam que a escola possui uma excelente política de apoio aos estudantes com surdez, que seria a sala de recursos. A sala de recursos é, segundo MAZZOTA (1982, p.48 *apud* SAMPAIO, 2013, p.7):

[...] uma modalidade classificada como auxílio especial. Como o próprio nome diz, consiste em uma sala da escola, provida com materiais e equipamentos especiais, na qual um professor especializado, sediado na escola, auxilia os alunos excepcionais naqueles aspectos específicos em que precisam de ajuda para se manter na classe comum. O professor da sala de recursos tem uma dupla função: prestar atendimento direto ao aluno e indireto através de orientação e assistência aos professores da classe comum, às famílias dos alunos e aos demais profissionais que atuam na escola. Mediante esta modalidade de atendimento educacional, o aluno é matriculado na classe comum correspondente ao seu nível de escolaridade. Assim sendo, o professor especializado deve desenvolver o seu trabalho de forma cooperativa com os professores de classe comum.

A sala de recursos é citada por todos os professores alegando que ela dá suporte não apenas aos alunos como também aos professores e alunos ouvintes:

Os professores da sala de recursos, eles passam na sala dando um panorama para os próprios alunos sobre como deve se tratar, como é que deve se relacionar com esses alunos (surdos). (Vector)

Mas, apesar disso, acredito que os professores se apegam a um panorama que não se aplica a esse ano, uma vez que o professor Binns afirma que

[...] a nossa sala de recursos perdeu alguns integrantes e só agora no final do ano que voltou a ser composta. (Binns)

Mostrando que esse ano, a sala de recursos não funcionou da forma como deveria funcionar, e nem funcionou como nos outros anos.

O professor Firenze, quando questionado sobre quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos nos respondeu que:

Na minha opinião eu acho que é a questão da linguística (Firenze)

Acerca dessa questão, Quadros (2003) aponta que sempre foi, e até mesmo em alguns momentos de forma equivocada, a grade preocupação na educação de surdos, muitas vezes se esquecendo dos aspectos pedagógicos e do desenvolvimento integral da criança surda.

Ao longo da história da educação de surdos no Brasil sempre houve uma preocupação exacerbada com o desenvolvimento da linguagem. As propostas pedagógicas sempre foram calcadas na questão da linguagem. Essa preocupação, não menos importante que quaisquer outras na área da educação, tornou-se quase que exclusiva, perdendo-se de vista o processo educacional integral da criança surda. (Quadros, 2003, p. 97)

Mas, mesmo destacando a questão da linguagem como uma grande dificuldade, o professor Firenze utilizou apenas do livro didático, solicitando resumos em todas as aulas em que foi possível observar, aparentemente relegando o que ele mesmo alega como sendo uma das dificuldades dos alunos com surdez.

O Problemas de linguística é visto como uma das principais dificuldades do aluno com surdez, na visão dos professores, acreditando que eles não possam realizar leitura extensiva e que tenham um vocabulário restrito, como podemos observar nesta fala:

Pra eles (os alunos com surdez) as vezes fica difícil pra eles compreender certos enunciados, a leitura de textos muito extensos com um vocabulário mais complexo... isso aí sempre vai ser um fator de dificuldade pra eles. (Vector)

E nesta

O aluno surdo, o campo de leitura deles não é tão amplo (Binns)

O que deixa subentendido que apenas através do português seria possível que o aluno aprendesse, esquecendo-se totalmente que a primeira língua da pessoa com surdez é a LIBRAS

e que ela é completa como uma língua, assim como o português, como destacado por Uzan e colaboradores:

Os atuais linguísticos demonstram que a língua de sinais oferece para as pessoas surdas o mesmo conteúdo e funções necessárias à mediação das experiências de aprendizagem, formais ou informais, oportunizando-lhes o desenvolvimento pleno da linguagem, pois faz isso utilizando outro canal a visão e uma outra forma de comunicação a língua de sinais. Embora a grande maioria desconheça, esse conjunto de “gestos desenhados no ar” estrutura uma língua organizada, com as mesmas funções das línguas orais. (UZAN et al, 2008, p.4).

Mostrando que a visão que os professores possuem de que o aluno com surdez possui um vocabulário limitado é na verdade falta de conhecimento acerca da LIBRAS

4. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou a compreensão de algumas dificuldades enfrentadas pelos professores na educação do sujeito surdo. A escolha por entrevista possibilitou ter acesso a uma visão mais pessoal da vivência em sala de aula dos professores participantes da pesquisa, possibilitando também alcançar os nossos objetivos.

De forma geral, as dificuldades encontradas pelos professores na educação do sujeito surdo não estão ligadas aos alunos, mas as limitações e deficiências da formação docente. Foram apontadas dificuldades de comunicação, mesmo com alunos que possuem surdez leve ou moderada, assim como dependência do intérprete e da sala de recursos, falta de planejamento e estratégias de ensino para o sujeito surdo, não compreensão da LIBRAS como uma língua completa e problema de formação voltada para esse público.

A observação possibilitou entender como os professores de fato se comportavam em sala de aula, com comportamentos que as vezes não condiziam com o que foi dito na entrevista. Possibilitou também notar alguns comportamentos que deveriam ser evitados por parte dos professores, como virar de costas para os alunos surdos.

Ainda existe muito o que se fazer para melhorar a educação dos surdos no Brasil, começar a compreender a comunidade surda e suas necessidades é um dos primeiros passos. É necessário que a formação dos futuros professores e a reciclagem dos saberes daqueles que já estão nas salas de aula passe pelas áreas de inclusão, não só de forma superficial, mas de fato que sejam compreendidas as necessidades de cada aluno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Ao professor com meu carinho**. Campinas, SP: Verus, 1933.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

KELMAN, Celeste Azuley. A pessoa com surdez na escola. In: **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar** . 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2015. cap. 6, p. 143-156.

LACERDA, C. B. F. de. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. Cadernos do CEDES, Campinas, v. 26, n.69, p. 163-184, 2006.

LACERDA, Cristina; POLETTI, Juliana. **A escola inclusiva para surdos: a situação singular do intérprete de língua de sinais**. In: FÁVERO, Osmar; FERREIRA, Windy; IRELAND, Timothy (Orgs.). **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: UNESCO, 2009

QUADROS, Ronice Müller de. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão**. In: Revista Ponto de Vista , Florianópolis, n.05, p. 81-111, 2003

REGO, Tereza Cristina. **A Origem Da Singularidade Do Ser Humano. Análise Das Hipóteses De Educadores À Luz Da Perspectiva De Vygotsky**. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/a_origem_da_singularidade.asp?f_id_artigo=297

SACKS, Oliver W., **Vendovozes: uma viagem ao mundo dos surdos**; São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAMPAIO, Laura Firmino. **A SALA DE RECURSOS PARA DEFICIENTES VISUAIS: UM ESTUDO DE CASO**. 2013. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, Universidade de Brasília, Planaltina, 2013.

TOLEDO, Elizabete Humai de; MARTINS, João Batista. **A atuação do professor diante do processo de inclusão e as contribuições de Vygotsky**. In: Congresso nacional de Educação – EDUCARE, IX, 2009.

UZAN, Alessandra Juliana Santos et al. **A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – (LIBRAS) COMO LÍNGUA MATERNA NO CONTEXTO DA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL.** Disponível em: <

http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC1396_01_A.pdf>

Acessado em: 19 de nov. 2017.

VYGOTSKY, L.S. Fundamentos de Defectologia. Obras Escogidas Tomo V. Madrid: visor, 1983

ZAMPIERE, Marinês Amália. **PROFESSOR OUVINTE E ALUNO SURDO: POSSIBILIDADES DE RELAÇÃO PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA COM INTÉRPRETE DE LIBRAS? LÍNGUA PORTUGUESA.** 2006. 110 p. Pós-Graduação (educação)- UNIMEP, Piracicaba - SP, 2006.

APÊNDICE 1

Roteiro

1. Nome
2. Formação
3. Tempo de docência
4. Tempo de trabalho com sujeitos surdos?
5. Durante sua formação inicial você teve acesso a disciplinas ou conteúdos que te prepararam para atuar em contexto inclusivo, especialmente junto a alunos surdos?
6. Durante sua formação continuada, realizou algum estudo que tenha focado os aspectos relacionados à educação/ensino de sujeitos surdos?
7. A escola possui alguma política que dê apoio ao estudante surdo?

8. Existem interpretes na escola? Algum deles atua em sua sala de aula? Há espaço de conversas e planejamento junto ao intérprete? Se sim, o que e como é feito?
9. Você se utiliza de alguma metodologia diferenciada por ter alunos surdos em sua sala de aula? Se sim, o que faz?
10. Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta na hora de dar aulas a alunos surdos?
11. Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos no processo de ensino-aprendizagem, em sua opinião?
12. Existem vantagens em se trabalhar em contexto de inclusão com alunos surdos? Se sim, quais?
13. Você conseguiria se comunicar com algum de seus alunos surdos caso fosse necessário?
14. Quando o intérprete falta, qual é o procedimento escolar?
15. Ao seu ver, a escola inclusiva funciona para alunos surdos? Por quê?